

CONSTRUÇÃO DE VALORES CULTURAIS NA BELLE ÉPOQUE TROPICAL

Teresinha V. Zimbrão da Silva
UFJF

O presente trabalho é parte da pesquisa *Murilo Mendes: Formação na Província* que integra uma pesquisa maior, financiada pelo CNPQ e pela FAPEMIG, intitulada *Imaginação de uma Biografia Literária: Os Acervos de Murilo Mendes*. A pesquisa *Murilo Mendes: Formação na Província* pretende resgatar a memória cultural da cidade de Juiz de Fora nas duas primeiras décadas do século XX, partindo da biografia de formação de Murilo Mendes. A pesquisa conta com crônicas inéditas do escritor que saíram no jornal juizforano *A Tarde* entre 1920 e 1921 na seção intitulada *Chronica Mundana*. Estas crônicas serão introduzidas no presente trabalho que irá refletir sobre a construção de valores culturais no Brasil da Belle Époque. Considerando-se que o papel da cultura francesa neste processo já foi sob diversos ângulos estudado, pretende-se explicitar aqui a presença da cultura portuguesa.

Na página 2 do jornal juizforano *A Tarde* de 6 de outubro de 1920 lê-se:

*Decididamente, Juiz de Fora civiliza-se.*¹

É o que registra o cronista provinciano Murilo Mendes, seguindo o exemplo anterior de cronistas metropolitanos.

“Civilizar”, no Brasil de então, ainda significava “europeizar”.

Nas *Chronicas Mundanas*, encontramos o registro do movimento da sociedade juizforana no sentido de modernizar os seus valores segundo à civilizada Europa. Para ser moderno então era necessário freqüentar os pontos “chics” da cidade e ser citado no jornal do dia seguinte em coluna como a das *Chronicas Mundanas*.

¹MENDES, Murilo. *Chronica Mundana*. *A Tarde*. Juiz de Fora, p. 2, 6 de Outubro de 1920.

Assim, é a frequência desta sociedade a programas como teatros, concertos, óperas, estréias no cinematógrafo, exposições artísticas, lançamentos de livros - frequência considerada como sinal de sofisticação de valores culturais - que sobretudo o cronista Murilo Mendes registra.

Já em 1910, a província de Juiz de Fora via reconhecido o seu esforço para “civilizar-se”: o intelectual metropolitano Sílvio Romero denominou então a cidade de “Europa dos Pobres”. O crítico queria “significar com este dito”, que do lado de cá do Atlântico, nas “doçuras do clima” de Juiz de Fora, aqueles que não traziam as “algibeiras recheadas” poderiam gozar de prazeres culturais e climáticos semelhantes aos das “capitais européias d’além-mar”.²

Sílvio Romero morou na cidade de 1911 a 1912, o menino Murilo Mendes o conheceu então. Muito tempo depois, em *A Idade do Serrote*, o memorialista registrou o fato de ter sido levado por um primo à presença do grande crítico.³

Na verdade, o intelectual metropolitano conviveu por quase dois anos com os provincianos. O seu dito elogioso sobre a cidade foi registrado pelos juizforanos com orgulho. Contudo, se no lugar de “Europa dos Pobres”, Sílvio Romero tivesse especificado “Paris dos Pobres”, talvez o orgulho fosse ainda maior.

Afinal, era Paris a cidade que verdadeiramente corporificava a idéia de civilização no contexto da Belle Époque Tropical.

Quanto a Portugal, outra é a história. Pois vejamos...

Proclamada a República, Portugal passou a ser considerado responsável pelo atraso do Brasil, representando para os brasileiros o próprio avesso da idéia de civilização. De colonizador, o português tornou-se imigrante indesejável. A partir de então, identificado ao provincianismo, seus costumes constituíram alvo de piadas e menosprezo.

² ROMERO, Sílvio. Prefácio. In: ESTEVES, Albino. *O Theatro em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Typographia d’O Pharol, 1910, p.11.

³ MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995, p. 919.

Antônio Cândido comenta que no final do século XIX era corrente um dito humorístico: “Para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar.”⁴

Portanto, a imagem que o brasileiro tinha do português pobre, que imigrava para o Brasil, era a de um homem vulgarmente vestido, de tamanco e camiseta, que se nivelava ao negro liberto já que ambos trabalhavam como um burro.

Mônica Velloso sublinha que nas revistas humorísticas ilustradas do início do século XX eram numerosas as caricaturas e piadas sobre os portugueses. Nas caricaturas, eles compareciam atrás de um balcão de secos e molhados, de camisetas, tamancos, lápis atrás da orelha, feições grosseiras, sugerindo vulgaridade e usura. Nas piadas, o português representava o papel do trapalhão, inábil para lidar com as invenções modernas, preferindo a moda antiga.⁵

Cláudia Viscardi denuncia que dentre os imigrantes que chegaram à Juiz de Fora, os portugueses constituíram as maiores vítimas de preconceitos.⁶

Em sua *Chrônica Mundana* de 19 de outubro de 1920, Murilo Mendes, refletindo os valores de sua época, em tom pejorativo, pergunta a um pretense poeta com quem polemizava:

*Por que não escreve uns versinhos líricos dedicados ao Portugal (...) da invenção dos tamancos?*⁷

Por outro lado, neste processo de desvalorização cultural dos portugueses, importa notar uma certa seletividade. Nem todos os valores foram rejeitados. Se a presença do imigrante, tão próximo a ponto de competir com os brasileiros, era das mais indesejáveis, a leitura dos distantes

⁴ CANDIDO, Antônio. De Cortiço a Cortiço. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p.128.

⁵ VELLOSO, Mônica. As Raízes Ibéricas do Modernismo Brasileiro. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 63, jan./jun., 1999.

⁶ VISCARDI, Cláudia M. Ribeiro. O Cotidiano dos Portugueses em Juiz de Fora (1840-1940). In: BORGES, Célia Maria. *Solidariedades e Conflitos: Histórias de Vida e Trajetórias de Grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Edufjf, 2000, p.29.

⁷ MENDES, Murilo. *Chronica Mundana. A Tarde*. Juiz de Fora, p. 2, 19 de Outubro de 1920.

intelectuais portugueses, sobretudo os da geração de 1870, constituía-se então como acolhedoramente presente.

Tanto era assim que, segundo Brito Broca, o Brasil era então o grande mercado para os livros de Portugal.⁸

Antônio Cândido ao sublinhar o quão importante foi a influência dos livros da geração portuguesa de 1870 na formação intelectual de brasileiros nascidos nas duas primeiras décadas do século XX, dá o seu testemunho:

*Na nossa geração houve uma influência anacrônica da cultura portuguesa. Nesse tempo houve uma presença viva da geração de 1870 – aqueles que nossos pais liam, como Eça de Queirós, Oliveira Martins, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão.*⁹

Comenta Antônio Cândido que estes livros marcaram a sua adolescência, quando se constituiu o grande momento das paixões literárias, como a nutrida por Eça de Queirós. Nas primeiras décadas do século XX, o escritor português ainda era uma presença viva no meio cultural brasileiro. Ao contrário de Machado de Assis, que nunca teve tanta popularidade, Eça fora incorporado aos hábitos do cotidiano. A tal ponto que, segundo o crítico:

*Era uma mania, sabíamos de cor trechos de seus livros, fazíamos concursos como: Em que livro de Eça um personagem usa um alfinete de gravata que é um macaco comendo uma pera? (...) A força de Eça entre nós pode ser verificada através dos numerosos autores de livros sobre ele (...). Amigos meus tinham coleção de bustos de Eça.*¹⁰

O testemunho de Antônio Cândido converge com o comentário de Brito Broca. Segundo o crítico, Eça era então mais que influência literária, tornara-se cultuada mania. Testes de conhecimento sobre a sua obra eram constantes no convívio literário e fora dele a ponto de seus personagens serem comentados, desligados dos livros, como seres reais. Até as duas primeiras

⁸ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 263.

⁹ CÂNDIDO, Antônio. In: ZAPPA, Regina. *A Semente Portuguesa*. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 4, 15 de Agosto de 1999.

¹⁰ CÂNDIDO, Antônio. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 4, 15 de Agosto de 1999.

décadas do século XX, o culto a Eça foi mais intenso no Brasil do que em Portugal, tanto que o primeiro estudo de conjunto da sua obra saiu publicado no Rio de Janeiro em 1911.¹¹

Mônica Velloso sublinha que a presença de Eça de Queirós no meio cultural brasileiro das primeiras décadas do século XX era tão significativa que muitos intelectuais, ao escreverem para jornais e revistas, adotavam então como pseudônimo nomes de personagens de Eça.¹²

Dentre as 36 crônicas escritas por Murilo Mendes para o Jornal *A Tarde* há 5 referências ao universo de Eça de Queirós: 3 delas ao Conselheiro Acácio (1 sugerindo-o como pseudônimo); 1 ao Alencar d’*Os Maias* e 1 a um livro de Eça não definido.¹³ É verdade que são referências rápidas e em tom de paródia, mas são significativas da presença do escritor português tanto no meio cultural da metrópole, quanto no da província.

E sobretudo no da província, onde as bibliotecas eram desatualizadas, permitindo somente a leitura de livros considerados já clássicos. Murilo Mendes registra em suas memórias ter sido introduzido a Eça pelo poeta Belmiro Braga, filho de português. Foi este seu padrinho de batismo literário, que abriu-lhe a “caverna da sua biblioteca” onde descobriu “durante mil e uma tardes” os clássicos da literatura portuguesa.¹⁴

Mônica Velloso, procurando resgatar a memória da influência de Eça de Queirós no modernismo brasileiro, sugere que algumas das “raízes” do movimento sejam rastreadas no solo da Belle Époque. Velloso defende então que a crítica ao “lado doutor” da nossa cultura, temática então recorrente, teria sido inspirada nas crônicas de Eça publicadas no jornal brasileiro *Gazeta de Notícias* de 1880 a 1897.¹⁵

¹¹ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*, 1975, p.123.

¹² VELLOSO, Mônica. *Ipotesi*, p. 65, 1999.

¹³ MENDES, Murilo. *A Tarde*, p. 2, (7 de Outubro de 1920, 19 Outubro de 1920, 29 de Outubro de 1920, 10 de Dezembro de 1920).

¹⁴ MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*, 1995, p. 910.

¹⁵ VELLOSO, Mônica. *Ipotesi*, p. 66, 1999.

Reconhecido como um dos jornalistas mais populares da imprensa do Brasil no final do século XIX, Eça expressou nestas crônicas sua visão crítica da história e da cultura brasileiras. Sua crítica ao “lado doutor” da nossa cultura teria repercutido do contexto da Belle Époque até o modernismo.

E talvez até às *Chronicas Mundanas* de Murilo Mendes. Afinal, o cronista provinciano também criticou o bacharelismo. Em crônica de 28 de setembro de 1920, Murilo escreve:

Passava na rua um bacharel que na véspera fizera sua estréia na tribuna, e que, depois de haver citado Victor Hugo, Lombroso, o rapto das Sabinas, Prometeu, a batalha das Thermopylas, o cultivo da mandioca e o Código Civil, pedira, num assomo de inspiração sublime, a liberdade do réu. [E o cronista conclui mais adiante:] Aquele homem está em pleno gozo de seus direitos. Veio ao mundo para espetar o dedo no ar, exibindo um rubi medíocre, para dizer algumas séries de asneiras, e para viver de um modo mais ou menos confortável.¹⁶

A ironia ao pedantismo do bacharel e ao seu papel ornamental na sociedade é explícita.

Mônica Velloso comenta que é justamente o espírito crítico de Eça de Queirós que mais teria influenciado os nossos modernistas.

O testemunho de Antônio Cândido converge com o comentário de Mônica Velloso. Segundo Cândido, a importância de Eça de Queirós para os intelectuais brasileiros que nasceram no início do século XX e que viriam a ser portanto, contemporâneos do movimento modernista, se deu em termos da transmissão de um espírito crítico virulento, de uma postura radical de oposição às forças conservadoras, constituindo um grande estímulo para o desejo de transformar a sociedade. Tanto que, sublinha Cândido:

O Crime do Padre Amaro, de Eça de Queirós, era quase um panfleto para nós.¹⁷

Um panfleto cujo anacronismo é somente aparente, pois como conclui Cândido:

¹⁶ MENDES, Murilo. *A Tarde*, p. 2, 28 de Setembro de 1920.

¹⁷ CÂNDIDO, Antônio. *Jornal do Brasil, Caderno B*, p. 4, 15 de Agosto de 1999.

*Convém assinalar que esse apego talvez meio anacrônico a uma literatura do tempo de nossos pais convergia com o tipo de leitura que fazíamos de uma novidade daqueles anos: a dos “romances do Nordeste”, marcados pela forte componente social. Romances que líamos, à medida que iam aparecendo, como algo renovador e desmistificador (...). Assim, escritores portugueses que tinham sido novidades para os nossos pais e avós atuavam ao modo de bombas retardado, convergindo com brasileiros nossos contemporâneos para confirmar uma consciência política, que foi uma das marcas diferenciadoras do tempo de nossa adolescência e primeira mocidade.*¹⁸

É também o inconformismo de Eça de Queirós que atraiu o escritor modernista Murilo Mendes que nas páginas de *Janelas Verdes* dá o seu testemunho:

*Na minha adolescência a leitura de Eça de Queirós equivaleu, não à descoberta da vida (certa vida) portuguesa, mas duma atitude inconformista, revolucionária, diante da sociedade e das convenções habituais; duma técnica de libertação mental que atraía o próximo futuro franco-atirador Murilo Mendes.*¹⁹

E convergindo com Mônica Velloso no resgate da memória sobre a influência de Eça no nosso modernismo, conclui:

*Eça de Queirós (...) acha-se nas raízes da minha formação literária; e, abarcando um horizonte vasto, nas raízes do movimento modernista de 1922.*²⁰

Notemos que se a influência de Eça de Queirós no contexto da Belle Époque foi reconhecida pela historiografia brasileira, no modernismo, esta permaneceu praticamente ignorada. O que talvez se possa explicar tanto pelo fato do nosso modernismo ter sido pensado até recentemente como total ruptura com o contexto anterior, quanto pela crescente desvalorização de que foi objeto a cultura portuguesa no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX. Tendo sido atribuído a Portugal um valor negativo de atraso, procurou-se apagá-lo da memória ao se construir o registro da modernização de valores culturais no Brasil.

¹⁸ CÂNDIDO, Antônio. Livros e Pessoas de Portugal. Palestra apresentada em 1999 no VI Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Capturada da Internet em 2 de Julho de 2002. Disponível no endereço: http://www.geocities.com/ail_br/livrospessoasdeportugal.htm

¹⁹ MENDES, Murilo. *Janelas Verdes. Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1995, p. 1428.

²⁰ MENDES, Murilo. *Janelas Verdes*. 1995, p.1428.

O trabalho de Mônica Velloso e o testemunho de Antônio Cândido, ambos datados de 1999, contribuem para resgatar esta memória, que já havia sido registrada em 1970 pelos escritos de Murilo Mendes sobre a sua formação na Belle Époque juizforana.